

A História das Sociedades Humanas: Interação Na Área da Zona Leste de Manaus, Brasil, Antes da Viagem de Francisco de Orellana.

Carlos Augusto da Silva¹
Luciano de Souza Silva²

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a percepção dos primeiros viajantes que desceram e subiram o grande rio Amazonas, e descreveram que nas margens existiam extensas ocupações humanas. Dentro de uma análise micro-espacial na área da Zona Leste de Manaus, os achados arqueológicos vêm confirmando que as populações humanas deixaram um legado de manejo e modo de vida na floresta tropical amazônica. A propositura deste texto em relatar essas paisagens existentes na Zona Leste de Manaus e trazendo ênfase para as ocupações pré-colombianas.

Palavras-chave: Artefatos; arqueologia; Zona Leste de Manaus.

Abstract: This article aims to present the perception of the first travelers that descended and climbed the great Rio Amazonas, and described that on the banks there were extensive human occupations. Within a spatial analysis in the area of the Zona Leste de Manaus, archaeological findings have confirmed that human populations have left a legacy of management and way of life. It is the proposition of this text to relate these landscapes existing in the Zona Leste de Manaus and bringing emphasis to the pre-Columbian occupations.

Résumé: Cet article vise à présenter la perception des premiers voyageurs qui sont descendus et sont allés jusqu'à la grande rivière Amazonas, et déclaré que les banques, il y avait une vaste occupation humaine. Dans un espace micro-analyse dans le domaine de la Zona Leste de Manaus, les découvertes archéologiques ont confirmé que les populations humaines ont laissé de la gestion et le mode de vie ainsi un héritage. Il est l'introduction du présent texte à signaler ces paysages existants dans la Zona Leste de Manaus et l'accent porte sur les professions précolombiennes.

¹ Servidor de Carreira da Universidade Federal do Amazonas, Arqueólogo, Sociólogo, Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: casilva@ufam.edu.br; casilva1956@gmail.com

² Bacharel em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Mestrado em Arqueologia pela Universidade de Pernambuco-UFPE, Arqueólogo do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Colaborador, ex-diretor e coordenador da Divisão e Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico. E-mail: lucianoarque@yahoo.com.

I. Introdução

A percepção do cronista frei Gaspar de Carvajal em 1541-1542: Organizado pelo governador Gonzalo Pizarro a primeira viagem que percorreu quase toda a extensão do maior rio do planeta Terra – o rio Amazonas. Durante o percurso, o cronista Gaspar de Carvajal fez os primeiros registros escritos sobre o modo de vida e do sistema de produção que as sociedades humanas haviam desenvolvido nas margens do extenso rio de águas barrentas Carvajal (1941).

O modo de vida das sociedades humanas, conforme as percepções do cronista, postulam-se em práticas de produção agrícola, de construções de casas, de construção de canoas e no reflorestamento, no entorno das aldeias ou nos roçados, em que introduziam plantas que contribuíssem para a alimentação e para o tratamento de doenças dos membros das aldeias ou das comunidades próximas, além dos residentes em longas distâncias.

A percepção do cronista de como as sociedades humanas interagiam no ambiente ocorreu quando, em certa altura da descida do rio, o comandante determinou que os membros da viagem atacassem a aldeia no sentido de colher alimentos. Durante a investida, os residentes ficaram atordoados com tal situação, o que fizera que todos se evadissem para a floresta em torno da aldeia. Após algum tempo, os habitantes retornaram e foram recebidos pelo comandante, que fez um rápido pronunciamento, cuja principal solicitação era que fossem disponibilizados mantimentos para alimentar os membros da viagem. E, assim, o líder conversou com os demais membros da aldeia, os quais deliberaram que fossem entregues quantidades de alimentos aos viajantes, incluindo peixes, carnes e produtos agrícolas.

Por essa atitude, uma atenta análise dessa descrição leva à percepção de que as sociedades humanas que interagiam nos ecossistemas de várzeas de terras firmes ao longo do rio Amazonas eram elegantes e eficientes em produzir agriculturas, pois havia estoque de alimentos para suprir a demanda de consumo por longas temporadas, possivelmente para as fases de subida e de descida das águas do grande rio (Fritz, 1997; Daniel, 2004).

As casas que foram percebidas pelo cronista frei Gaspar de Carvajal (1941) eram compostas de uma arquitetura sustentável para o modelo de floresta tropical, cujas estruturas eram moldadas em estilos circulares, retangulares; e em algumas havia portas, sendo uma de entrada e outra de saída. E, geralmente, as casas eram compostas de um único espaço, isto é, não havia divisória ou repartimento no interior delas. Ademais, as sequências de habitações

seguiram as margens dos rios, que atingiam quilômetros a montante e a jusante ao rio Amazonas-Solimões, isto é, tratava-se de possíveis cidades indígenas pré-colombianas do Amazonas.

Quanto à construção de canoas, não resta nenhuma dúvida, pois, na primeira aldeia que a expedição atracou, os líderes dela foram solidários e autorizaram que outros membros trouxessem grandes volumes de mantimentos para suprir a alimentação dos expedicionários.

As canoas dos indígenas viviam carregadas de produtos agrícolas, de carnes, de peixes, que coloriam os porões dos barcos dos expedicionários. E a grande quantidade de comida foi tão relevante que levou o comandante da expedição, Francisco de Orellana, a deliberar que os membros da frota providenciassem a confecção de arrebitos (pregos) para a construção de um novo barco para suprir a necessidade da expedição ao longo da descida do rio Amazonas, visto que observou que os indígenas possuíam possantes canoas capazes de resistir a longas viagens, pois, durante a subida ou a descida do rio Amazonas-Solimões, devido às árvores que são despejadas no rio pelo processo de terras caídas, aquelas ficavam imersas ou submersas, e a falta de habilidade dos viajantes podia causar naufrágio, enquanto as canoas dos indígenas eram apropriadas para suportar fortes impactos.

No que tange ao reflorestamento, na percepção do cronista, nas aldeias, havia várias espécies de vegetação que formavam as paisagens em torno das comunidades; e nas sequências de “estradas” que seguiam rumo ao interior da floresta, isto é, na cidade da floresta, é que possivelmente ficavam os grandes cultivos de espécies que eram reflorestadas, ou seja, plantadas no sentido de subsidiar a demanda de alimentos para as aldeias ou para procedimentos tecnológicos, de sorte que as pesquisas arqueológicas e etnográficas veem confirmando a percepção do frei Gaspar.

Nas áreas distantes dos grandes rios da Amazônia, no geral, há grandes castanhais, copaíbas, andirobas, palhais, seringais etc., o que se pensava que era obra de eventos naturais; em verdade; trata-se de ações das sociedades humanas pretéritas que manearam há milênios os rios, igarapés, paranás, lagos, furos e ilhas na Amazônia. As imagens (1, 2 e 3) obtidas em áreas da Amazônia podem confirmar o que foi registrado na primeira tentativa de desvendar o modo de vida das populações indígenas pelo colonizador europeu na Amazônia Fausto (2000).



Imagem 1: Estrutura retangular sendo erguida mediante tecnologia milenar, em que as madeiras, as palhas são amarradas com cipós, que são coletados em torno da aldeia indígena, cujo piso é alicerçado por meio de batimentos, com toras de madeira. A arquitetura da aldeia tem função de templo para espetáculos de xamanismo e/ou sociais; de qualquer ponto da aldeia, é possível ter visão panorâmica do ato social.

Foto: Carlos Augusto da Silva, nov. 2009.



Imagem 2: A arquitetura (aldeia) indígena é circular, apropriada ao clima tropical; a inclinação em formato de cone se dá no sentido de facilitar o escoamento da água das chuvas. Esse sistema é sustentável, pois preserva a cobertura feita de palhas por quatro ou cinco anos. Ademais, a palmeira chamada de “palha branca” é cultivada pelas sociedades humanas que interagem com o ambiente amazônico. As duas portas são alinhadas no sentido N-S, isto é, inversamente ao caminho do vento (E-O). Esse sistema visa resistir às tempestades de ventanias ou de fortes chuvas, que ocorrem nos meses de novembro a março. A cobertura no solo feita por capins serve para evitar que as águas pluviais escavem o *terreiro* da aldeia, além das centenas de espécies de palmeiras, castanheiras, bacabeiras,

açazeiros, seringueiras, que servem para diminuir os impactos de tempestades. As seringueiras, além de contribuírem para os serviços ambientais, colaboram para que o látex, após fino preparo, sirva para impermeabilizar sacos, bolsas etc. Além disso, as sobras, isto é, o *sernambi*, são utilizadas para funcionarem como lamparinas no interior das aldeias. Os pequenos pedaços de borrachas são colocados em diminutos vasos cerâmicos e postos ao fogo. Nos sítios arqueológicos na região da Amazônia Central, é comum identificar milhares de fragmentos de pequenos vasos, fortemente queimados. O látex da seringueira também é utilizado por jovens e crianças para o fabrico de bola, para a prática de futebol nas aldeias, em locais distantes dos centros urbanos, na Amazônia Central. Essa prática foi observada numa das aldeias Mura. Foto: Carlos Augusto da Silva, abr., 2013.



Imagem 3: Canoa em fase final de construção na aldeia indígena *Mura*, localizada no rio Autaz-mirim. A construção é realizada por um carpinteiro que apreendera a arte observando o seu genitor no preparo da coleta de madeira em torno da aldeia, que, segundo a informação *in loco*, consiste em um sistema de introduzir espécies de árvores como itaúba, louro-chumbo, bacuri, piquiá, muruxi etc. perto das comunidades, além de atender à demanda de indústria de canoas, de remos, de corantes, para colorir fibras vegetais; no caso do piquiá, é bem apreciado no desjejum dos indígenas, e as espécies são utilizadas na arquitetura das aldeias. Os fragmentos de madeiras são reunidos e incluem o processo de adubos verdes; isso pode representar um dos sistemas de formação de estratos de pacotes de *terra preta de índio* na Amazônia. Foto: Carlos Augusto da Silva, abr., 2013. Acervo do NUSEC – Núcleo de Socioeconomia da Universidade Federal do Amazonas.

As imagens acima refletem a percepção do frei Gaspar de Carvajal, que, durante a descida do rio Solimões-Amazonas, visualizou centenas de aldeias que tinham essas características das imagens. As pesquisas arqueológicas na Amazônia vêm corroborando para a descrição de que, de fato, as margens dos rios estavam representadas por populações humanas que detinham saberes ecológicos, como o manejo dos ecossistemas de forma sustentável.

Feita essa rápida e breve enunciação da primeira viagem tripulada por elementos europeus nas águas barrentas e negras dos rios amazônicos, pontuaremos informações de memória de um dos autores desse texto e de pesquisas e de resgates arqueológicos na área urbana e rural do município de Manaus.

II Manaus em homenagem aos índios “Manaós”

A área territorial do município de Manaus é de 11.401,092 km²; a cidade está localizada à margem esquerda do rio Negro. Tem uma população humana estimada em 2.020.301 habitantes (IBGE, 2014.).

Os livros de história descrevem que a sociedade portuguesa iniciou a ocupação do lugar a partir de 1669, quando o Estado português começou a edificação da *Fortaleza de São José do Rio Negro*, que tinha por estratégia inibir a subida de expedições que não fossem oficiais, ou seja, distintas de Portugal. E essa é a história que é trabalhada nas escolas, porém o próprio nome “Manaus” provém de uma homenagem aos índios “Manaós”, que habitavam as margens do rio Negro e seus tributários Monteiro (1971).

Então a história é de massacres culturais por meio dos quais o modo de vida dos habitantes do lugar era desprezado, prevalecendo a narrativa do homem branco, que introduziu a guerra de baquetaria (doenças, sarampo, varíola, sífilis etc.), cujo único objetivo era ocupar o lugar, não se preocupando com os homens, mulheres e crianças que estavam profundamente adaptados à água negra do rio, à floresta e à terra de coloração vermelho-amarelada, que era preparada para produzir o alimento, para a construção de aldeias, para o reflorestamento de espécie importante na dieta alimentar, para a medicina popular, para o fabrico de instrumentos domésticos e serviços, a exemplo da indústria de canoas e atividades sociais. Para ilustrar isso, em 2000, a Expedição Humboldt identificou a coleção etnográfica da coleção de *Johann Natterer*, do fotógrafo *Juan Pratiginestòs*, a qual foi exposta no Museu Amazônico da Universidade do Amazonas (UA; a partir de 2004, passou a ser UFAM). Na coleção, havia uma imagem de um conjunto de colher de pau (imagem 4), que fora coletada por naturalista europeu e depositada no museu na cidade de Viana (Áustria).



Imagem 4: Peças etnográficas; conjunto de colher de pau, possivelmente dos índios *Manaós*.
Fonte: Expedição Humboldt, 2000.

Então o conjunto é um patrimônio concreto em que os Manaós ou o povo da *Mãe de Deus* deixaram suas digitais inscritas, em artefatos domésticos, na floresta e na terra. Possivelmente, a expressão *Mãe de Deus* seja devido ao fato de as populações humanas do lugar perceberem que a terra, a água, a floresta eram bens que integravam sua vida; assim, depredá-las poderia carregar problemas de ordem na escassez de alimentos ou afugentar as inúmeras espécies de caças que se servem da floresta para possibilitar a sua reprodução. Destarte essas populações indígenas que manejavam os abraços dos dois maiores rios de águas brancas e negras deixaram valiosos legados históricos que são encontrados nas áreas urbana e rural no município de Manaus.

Dentre o legado, há a cobertura vegetal, infestada nas encostas, nos topos, nas planícies etc. de milhares de espécies que foram amplamente manejadas; há a construção de pacotes de *terras pretas* por toda parte; e, até no encontro das águas do rio Solimões-Amazonas e Negro, há estrutura de terra preta que fora erguida por ações humanas pretéritas que vislumbra o olhar para a Amazônia, de forma que foi amplamente planejada, pois nem as corredeiras das águas não conseguem destruí-la. Cite-se também a indústria lítica, cuja base era a transformação de rochas em ferramentas (machado de pedra, conforme a imagem 5), capazes de serem utilizadas na supressão da vegetação para a preparação de limpeza da floresta no afã da introdução de *roçados*, isto é, as *roças* para os cultivos de manivas (imagem 6), que produzem a mandioca amarga e doce, a macaxeira, a batata-doce de coloração branca e a vermelho-rósea, carás branco e negro, jerimuns etc. Por fim, eis a indústria cerâmica, que

simbolizou um salto de inovação, pois possibilitou a conservação de alimentos e o *status* social (imagem7).



Imagem 5: Lâmina de machado confeccionada de rocha. Esse tipo de ferramenta foi utilizado pelas populações indígenas antes da chegada do colonizador europeu, pois a ferramenta de pedra fora substituída por ferramentas confeccionadas de ferro. O machado de pedra era colocado num artefato de madeira, que as populações que residem em áreas dos rios da Amazônia chamam de “cabo”, o qual é fixado na parte excisa superior da lâmina do machado, indicada pela seta acima; a madeira utilizada, possivelmente, era de âmagos de *paracuuba* ou *cumaru*; a extensão do cabo é de aproximadamente 80cm a 1m de comprimento para possibilitar a arranhadura em volta da árvore. Numa área de ecossistema de terras firmes, em que as árvores adultas atingem circunferências por volta de 1,30m, não era possível cortá-las, ou seja, derrubá-las; a estratégia era suprimir as árvores menores e espalhá-las por debaixo das árvores maiores; mediante a luz do sol, as folhas das árvores ficam secas, nos meses de agosto a setembro, e a frequência de chuvas é bem menor. E, após feito um sistema que as populações contemporâneas chamam de *aceiro*, isto é, é feita uma faixa de largura de 2m a 3m em volta da área do *roçado novo*, são retiradas as folhas, os galhos, e parte do solo húmico é perfilada em volta do roçado, formando uma espécie de barreira ou estrada; às vezes, a estrada é encharcada, evitando, assim, que, durante o processo de queima do roçado, o fogo se propague para as áreas adjacentes ao novo roçado. Entretanto, em área de ecossistema de várzea, o machado de pedra é perfeitamente utilizado na supressão de pequenas árvores, como é possível ver na imagem 6, em que as populações da *Ilha de Terra Nova*, no município de Careiro da Várzea, praticam a agricultura familiar nos moldes pré-colombianos, ou seja, a cada ano, as áreas são utilizadas no plantio de hortaliças etc. Na imagem 6, para a prática de agricultura familiar, é utilizado o sistema de consórcio de espécies de manivas adaptadas à subida e à descida das águas dos rios Solimões-Amazonas e Negro.

Foto: Carlos Augusto da Silva, abr. 2014. Acervo do NUSEC – Núcleo de Socioeconomia da Universidade Federal do Amazonas.



Imagem 6: *Manivas e quiabos* sendo cultivados na área de antigo assentamento humano pré-colombiano, na Ilha de Terra Nova. Nos setores leste e oeste da imagem, é possível perceber a vegetação de imbaúbas e outras espécies em que, durante a subida das águas, os peixes buscam refúgios para as desovas, além de frutos de tarumãs, tacoari, socoró, feijão-brabo, arroz-brabo, jauari, marajá etc., em que homem, aves, peixes interagem na Ilha, há milhares de anos, pois a estratégia é de profunda adaptabilidade ao ambiente de várzea, onde, geralmente, os sítios arqueológicos na Amazônia Central e as ocupações crescem no sentido N-S, isto é, as roças e as aldeias eram erguidas fora do caminho das chuvas e dos ventos, pois, frequentemente, vêm do sentido E, à exceção do sítio arqueológico Açutuba, com 900ha, com “3km de comprimento por 300m de largura” (NEVES, 2006, p. 53). As chuvas e os ventos vêm geralmente do sentido N-S, assim o sítio se expandiu no sentido E-W, isto é, paralelamente à margem direita do rio Negro, no setor S. Na imagem, é possível perceber que os cultivos de maniva e quiabo estão alinhados no setor (N-S), mantendo o mesmo padrão de ocupação dos espaços, sem, contudo, agredir os ecossistemas. As florestas de margens de rios suprimidas estão fadadas ao deslizamento de terra, assim o imaginário código florestal pré-colombiano era bem mais eficiente no Estado brasileiro.

Foto: Carlos Augusto da Silva, set. 2014.



Imagem 7: Alguidar cerâmico “Paredão” exumado do sítio arqueológico Daisako Ikeda em 2000, por Carlos Augusto da Silva, Jane Clotilde Cony e Custódio Rodrigues, do Museu Amazônico (UFAM). O alguidar foi

restaurado e está acondicionado na Reserva Técnica do Museu Amazônico. Peça inédita, ainda não foi exposta ao público. Foto: Carlos Augusto da Silva, maio 2015.

As imagens tecem rápido inventário de como as populações humanas pré-colombianas serviam-se dos ecossistemas de várzea e de terra firme sem, contudo, exaurir os recursos de fauna e de flora. Isso porque mantinham alto poder de percepção de como manejar o ambiente, numa abertura de um novo roçado, quando a consequência fosse a supressão de vegetação. Porém, na área suprimida, logo eram introduzidas outras espécies importantes para o modelo de vida de populações humanas sedentárias.

O próximo ponto a ser destacado nesta comunicação diz respeito à área dos bairros que compõem a área da zona leste da cidade de Manaus: Mauazinho, Distrito Industrial, da Av. Grande Circular até o seu limite, Coroado, Armando Mendes, Zumbi dos Palmares, São José, Tancredo Neves, Colônia Antônio Aleixo, Puraquequara e Jorge Teixeira (DECRETO n.º 2924, Prefeitura Municipal de Manaus, ano de 1995). Esses bairros, em verdade, surgiram a partir do fim de 1970; o primeiro do gênero foi o bairro do Coroado, quando, em 1970, a Rede Globo de Televisão exibiu a novela denominada de “Irmãos Coragem”; a área era parte do terreno da Fundação Universidade do Amazonas, que foi invadida por populações que chegavam a Manaus, vindas do interior do Amazonas e de outros estados, em virtude da implantação da Zona Franca de Manaus, que iniciou em 1967. Assim, estava aberto o processo de ocupação da zona leste de Manaus, mas, em realidade, essa zona foi habitada por populações humanas antes e depois do nascimento de Jesus Cristo; é o que registraremos na sequência.

III. Possíveis Rotas das Populações Humanas Pré-Colombianas: Zona Leste de Manaus

O acesso aos assentamentos pré-colombianos, existentes na atual zona leste de Manaus, provavelmente foram os igarapés do Quarenta, do Mindu, o Lago do Aleixo e o rio Negro pela margem esquerda, pois o primeiro assentamento pré-colombiano encontra-se hoje na margem norte daquele igarapé, no bairro do Japiim, na zona sul. No sítio arqueológico homônimo, há várias circunferências de urnas funerárias e milhares de fragmentos cerâmicos, líticos, solo de *terra preta de índio* e exuberantes paisagens formadas por diversas espécies de palmeiras (bacaba e tucumã) e de árvores (cumarú e piquiá), que podem estar associadas ao processo de manejo proveniente das populações pré-colombianas. O sítio, pelo aspecto de

antropização do ambiente, ratifica que as populações estavam efetivamente sedentárias, pois essa área foi intensamente manejada nos últimos dois mil anos. O manejo é visível pelo volume de artefatos existentes *in loco*.

Na área do igarapé do Quarenta, no trecho compreendido desde os empreendimentos do *Studio 5*, margem sul, e em parte dos conjuntos 31 de Março e Atílio Andreazza, nos anos de 1970, havia duas pequenas fazendas de criação de gado, dos senhores denominados de “Português” e “Paraíba”. Na área da fazenda do *Paraíba*, hoje, estão instalados o conjunto Atílio Andreazza, a Universidade Luterana do Brasil, a Escola Municipal Izabel Angarita, as torres de transmissão de energia da Eletrobras e outras edificações; na área, havia um extenso pacote de *terra preta de índio*; e, a norte da fazenda supracitada, um pacote de areia branca, que foi extraído para atender à demanda do mercado de indústria da construção civil.

Do solo de terra preta, no período compreendido entre os anos de 1974-1976, foram retiradas dele aproximadamente cerca de 300 a 500 carradas para os serviços de jardinagem nos pátios dos empreendimentos do DNOS (Departamento Nacional de Obras de Saneamento e do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes), além de outras obras públicas e civis do centro de Manaus e de locais adjacentes. No pacote de terra preta, havia milhares de fragmentos cerâmicos.

Em 2012, o morador do conjunto Atílio Andreazza iniciou a ampliação do sistema hidráulico de sua residência. Ao interferir no solo, na abertura de um fosso, entre os níveis 50 cm e 60 cm, foi identificado um *pote* utilizado pelas populações pré-colombianas para a atividade do cotidiano; para aquela civilização, após o falecimento do ente querido, o pote era utilizado como *urna funerária*. Pelo fato de o morador não conhecer a importância do artefato e de que em seu interior havia fragmentos de ossada humana, o morador comunicou o achado fortuito ao Instituto Médico Legal, para os procedimentos necessários. Porém, como se tratava de restos humanos pré-colombianos, a intervenção do Instituto se tornou inválida, pois o órgão que tem tal competência para tal investigação é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que fez os procedimentos preliminares para exumar a urna. Assim, foi solicitado ao Museu Amazônico (UFAM) que fosse resgatada a urna funerária. Então foram tomadas medidas para que ocorresse a exumação; assim, em dezembro de 2012, a urna foi resgatada e transportada ao Laboratório de Arqueologia, que fica no setor sul do Campus Universitário da Universidade Federal do Amazonas (imagem 8).



Imagem 8: Urna funerária no perfil N e espaço escavado de *terra preta de índio*; patrimônio erguido há milhares de anos. Foto: Carlos Augusto da Silva, dez. 2012.

E, caminhando no sentido, o próximo sítio arqueológico, o São José II, encontra-se no bairro de São José Operário leste da cidade de Manaus II, cuja fonte de água mais próxima é a bacia do igarapé do Mindu. Os vestígios cerâmicos estão no terreno da Escola Estadual Ernesto Penafort e em suas adjacências. O sítio foi identificado em 2008 por Carlos Augusto da Silva. Na área, nos anos de 1970-1980, residia um senhor que era conhecido como “Curica”, o qual cultivava abacaxis, abacates, cupuaçu etc.

Devido ao fato de na área haver pacotes de *terra preta de índio* e de areia branca, as empresas de transportes de construção civil, tais como a *J. Alves Cordeiro*, a *J. C. Santos* e a *Berma Engenharia e Comércio LTDA*, utilizaram caminhões e caçambas para a retirada de milhares de carradas desses resíduos para atender ao mercado da indústria da construção civil no Centro de Manaus e nos conjuntos, que na época estavam em obras, a exemplo do Dom Pedro I e II, Ajuricaba, Eldorado, Belvedere, Mucuripe, Castelo Branco etc. E, nesse processo de extração de solo de terra preta para encher baldrame de centenas de casas ou para serviços de jardinagens, o sítio arqueológico foi profundamente perturbado. Hoje, restam fragmentos cerâmicos e algumas manchas de terra preta, expostos no campo de futebol da aludida escola.

Seguindo rumo ao bairro de Jorge Teixeira, na Estrada do Puraquequara, no km 4, no ramal do Brasileirinho, na parte N, há o sítio arqueológico UDV (União do Vegetal), próximo do igarapé do São João, correndo em direção ao lago do Aleixo. O sítio foi identificado em 2000 pelos arqueólogos Eduardo Góes Neves, Carlos Augusto da Silva, Marco Antônio e pela museóloga Jane Clotilde Cony Cruz. Na época, foram exumados dois vasilhames, sendo uma

urna funerária e um alguidar da cultura Paredão, com idades estimadas entre os séculos IV e IX d.C.

Os vasilhames foram encontrados quando foi iniciado o corte para nivelar o terreno para a ampliação de um novo barracão. No interior da urna funerária, os operários identificaram 23 pequenos pingentes esculpidos possivelmente de rocha. Esses artefatos estão em poder do dirigente do tempo. Os dois vasilhames achados (a urna funerária e o alguidar) encontram-se acondicionados no Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas.

Na cultura Paredão, geralmente, os sepultamentos estão distribuídos no sítio em formato de semicírculos; comumente, as urnas fúnebres são constituídas de dois *potes*. No primeiro, ou melhor, na urna funerária, esta é sempre menor (fica emborcada, ou seja, o gargalo fica para baixo; e a base, para cima, como se fosse uma garrafa térmica emborcada), e a circunferência, às vezes, é bojuda; já a segunda urna funciona como tampa, cujo raio de abertura é maior, tendo de 60 a 80cm de diâmetro para fechar a primeira urna, sem o gargalo; somente a base e a parede medem de 55 a 75cm, como se representassem um ovo de galinha e um de pata, um encaixando no outro e formando um único ovo.

Nas dezenas de urnas exumadas da cultura *Paredão*, tem-se observado a quebra de dois potes para formar uma única urna; possivelmente isso ocorria porque o crânio humano é maior que o gargalo da urna, o qual tem de 19 a 22cm. Como nos ritos fúnebres, geralmente, o crânio era parte fundamental para compô-los, então, em vez de sacrificar esse osso, a solução encontrada era mutilar as duas urnas, isto é, eram quebradas pouco abaixo do meio, ou colocava-se um alguidar para fechá-las a fim de formar uma única urna funerária (imagem 9). Após serem depositados os restos humanos (parte de um esqueleto ou mais), a urna era selada, possivelmente com cera de abelha (feita do excremento desse inseto) ou com o jutaíca (resina do jutaí) para que formigas e outros insetos não perturbassem o sossego do *ente* querido. Assim, selada a urna, era feita a escavação esculpindo um molde similar ao diâmetro da urna, levando em consideração que, nas urnas *Paredão*, usualmente há dois apliques nos ombros desses artefatos, logo era esculpido um pequeno fosso similar aos adornos, orientado no sentido Leste-Oeste. A urna era descida rumo ao corte, possivelmente num grande cesto que se movia gradativamente, protegido por duas hastes fixadas no sentido vertical, nas extremidades da escavação; e outra haste, no sentido horizontal, como se fosse uma trave de campo de futebol; ao chegar ao molde (base da escavação), no intervalo entre este e a parede da urna, esse espaçamento era preenchido por cinza de fogueiras, pois é fina e muito seca; assim, quando fosse devolvido o solo, isto é, feito o sepultamento, o peso da terra

não fragmentaria a urna, ou seja, haveria um amortecimento do impacto, como se fossem flocos de isopor. Essas observações foram percebidas durante a exumação das urnas da Praça Dom Pedro II em 2003 e também nas quase 200 urnas quebradas pelo serviço de terraplanagem em 2001, na obra do conjunto habitacional “Nova Cidade”.

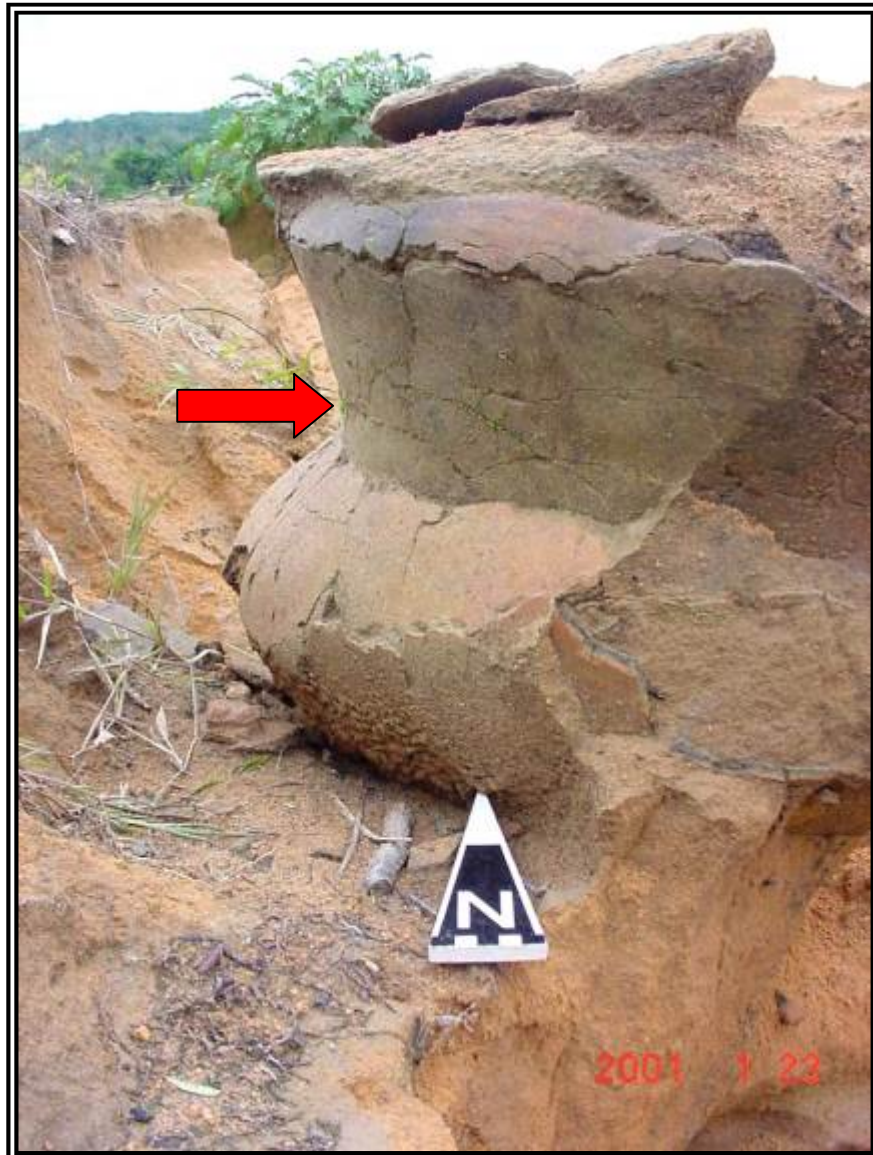


Imagem 9: Duas urnas do tipo Paredão, formando uma única urna, característica da cultura homônima. A seta indica a junção das urnas. Foto: Marcos Brito, jan. 2001.

No km 4,5 da estrada do Puraquequara, num ramal no setor sul, há o sítio arqueológico Tony Medeiros, cerâmico e lítico. Esse sítio foi identificado em 2001 por Carlos Augusto da Silva e Patrícia Alves, do IPHAN-AM, e foi visitado pelos arqueólogos do Projeto Amazônia Central em 2004. Durante a visita, foi identificada uma urna funerária que se encontrava

exposta devido à ação das águas pluviais. Logo foram feitos os preparativos para exumá-la. A arqueóloga Helena Pinto Lima e Carlos Augusto da Silva realizaram o resgate do achado.

A urna foi transportada para o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Amazonas, sediado no setor sul do Campus Universitário. Em 2006, por meio do projeto “LAMA” – Levantamento Arqueológico do Município de Manaus –, foi realizada a vistoria no sítio, então se detectou que ele é multicomponencial e encontra-se parcialmente preservado, pois, na área, estava funcionando um projeto de piscicultura. E, conforme um dos objetivos do projeto, foi colocada uma placa sinalizando a anuência da legislação federal, que protege os bens ou os monumentos arqueológicos brasileiros.

No bairro do Puraquequara, na área da Colônia Antônio Aleixo, há o sítio arqueológico homônimo, identificado pela arqueóloga Helena Pinto Lima em 2010. O sítio cerâmico, associado a pacotes de solo de *terra preta de índio*, tem algumas circunferências de urnas funerárias expostas devido às edificações que foram construídas pelo poder público, sem a anuência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; o sítio encontra-se parcialmente antropizado. Há informações de comunitário de que basicamente a área onde se encontra a comunidade da Colônia Antônio Aleixo consiste em um sítio arqueológico.

Há um projeto em andamento coordenado pela Professora Dra. Helena Pinto Lima, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Ministério Público Federal, mediante o qual as instituições constituídas pelo Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas e o Museu Paraense Emílio Goeldi, além de professores, técnico-administrativos, discentes de Mestrado e Doutorado, estagiários e voluntários, vêm realizando reuniões, exposições de *banners* de imagens arqueológicas na tentativa de divulgar a importância de valorizar e de preservar a cultura material e imaterial das sociedades pré-colombianas, o que é feito por assinaturas digitais nos fragmentos cerâmicos, líticos, nos estratos de solo de *terra preta de índio*, além de paisagens compostas por diversas espécies (castanheiras, piquiás, seringueiras, cumarus, açaí, bacaba, bacuri etc.), que ainda existem na área dos sítios, que aqui chamaríamos de *sítios arqueológicos* distantes dos dois maiores rios de águas brancas e negras, o Solimões-Amazonas e o Negro, aos quais as possíveis estratégias de locomoção seria o acesso pelos igarapés, que ainda existem na zona leste, mas estão profundamente ameaçados de se transformarem em grandes esgotos de resíduos químicos e humanos, a céu aberto.

Os próximos sítios a serem brevemente caracterizados neste texto são os sítios da orla do rio Negro, que compõem os bairros do Mauzinho e da Vila Buriti; o primeiro localiza-se na zona leste; e o segundo, na zona sul de Manaus.

Seguiremos mantendo a ordem das zonas; assim, iniciaremos pelo bairro da Vila Buriti, da zona sul. O primeiro sítio arqueológico identificado nele é o Sítio Arqueológico denominado de “Refinaria”; o nome atribuído se deve ao fato de que, na área, estão as instalações da Refinaria de Manaus. O sítio foi identificado em 1955 pelo arqueólogo Peter P. Hilbert. Em 2008, devido à obra do Gasoduto Coari-Manaus, a área da Refinaria foi vistoriada pelos arqueólogos do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo; e constatou-se que o sítio se encontra impactado pelas obras que ocorreram nas últimas décadas.

Sítio arqueológico Base Naval – localiza-se nas instalações da área militar da Marinha do Brasil. Em 2004, durante a vistoria realizada por meio do projeto “LAMA”, identificaram-se poucos fragmentos cerâmicos numa área de jardim, próximo do conjunto de apartamentos da região. A visita foi realizada no mês de março daquele ano, então foram encaminhados documentos solicitando a vistoria na área para observar a real situação do sítio arqueológico. Contudo, devido aos trâmites documentais, ainda estamos no aguardo para que possamos realizar a vistoria na área do sítio.

Sítio Arqueológico Siderama – localiza-se a montante do Sítio Base Naval. Sítio cerâmico associado a pacote de *terra preta de índio*. Em 2004, a vistoria realizada pelo projeto “LAMA” constatou que, devido ao fato de a Siderama não estar em funcionamento, havendo, assim, a ausência de obras, tem-se mantido o sítio com baixo nível de impacto. Porém, em função dos processos de supressão de vegetação e de terraplanagem que vêm sendo realizados, principalmente os setores nordeste e leste do sítio estão sob ameaça de desbarrancamento.

Sítio Mauazinho – localiza-se nas instalações da “Usina Termelétrica Mauá – UTE”; o sítio foi identificado durante a vistoria arqueológica realizada por Carlos Augusto da Silva, em 2007; na oportunidade, a área estava sendo avaliada para receber as instalações do Gasoduto Coari-Manaus. Sítio cerâmico associado a pequenas manchas de solo de *terra preta de índio*. Devido às obras da UTE, com serviços de calçamentos e camadas asfálticas, o sítio encontra-se efetivamente perturbado.

Sítio Daisako Ikeda – localiza-se num topo de terra firme bem em frente dos encontros das águas dos rios Solimões-Amazonas e Negro. O sítio foi identificado em 2001, durante a recepção para o lançamento da pedra fundamental do Centro de Projetos e Estudos Ambientais do Amazonas (CEPEAM). Após o lançamento, foi informado aos gerentes administrativos que a área é constituída de sítio arqueológico. Sítio cerâmico associado a pacotes de solo de *terra preta de índio*. Em 2001, durante as intervenções no solo para a

escavação de sapatas, foram identificados quatro vasos cerâmicos deveras impactados por atividades que foram desenvolvidas nas últimas décadas, na área do sítio.

Complexo Arqueológico Lajes – cadastrado no Banco Nacional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNSA – Cadastro Nacional de Sítio Arqueológico). O Sítio Lajes foi identificado por Mário Ferreira Simões em 1970. É constituído por cerâmica, solo de *terra preta de índio*; a área fica submersa durante as cheias do Solimões-Amazonas e rio Negro, porém, geralmente nas grandes secas, aparecem grafadas no lajeiro de pedra as obras de instalações do PROAMA – Programa de Acompanhamento de Água, para a zona leste de Manaus.

Feita a sumária descrição dos sítios arqueológicos identificados na área dos bairros de Japiim, São José II, Mauazinho, Jorge Teixeira, no ramal do Brasileirinho e Vila Buriti, numa perspectiva de facilitar a identificação dos sítios arqueológicos por agentes público e civil, segue o quadro que ajuda a elucidar a outra parte da história indígena pré-colonial.

Quadro 1 – Sinopse dos sítios arqueológicos das áreas das zonas leste e sul de Manaus

n.º	P/GP S	Nome do sítio	Local	Coordenada* UTM/ZONA 20		Característica (Solo)
				Latitude (S)	Longitude (W)	
01	15	Japiim	centro-sul	169491	9655874	Argilo-arenoso
02	17	São José II	zona leste			Argilo-arenoso
03	19	UDV	zona leste	178785	9666660	Argiloso
04	21	Tony Medeiros	zona leste	181744	9664796	Arenoso
05	25	Refinaria	zona sul	171650	9652326	Argiloso
06	27	Base Naval	zona sul	172306	9652296	Argiloso
07		Mauazinho	zona leste	174058	96654796	Argiloso- arenoso
08	29	Daisako Ikeda	zona leste	176929	965532	Argiloso
09	31	Lajes	zona leste	177273	9655680	Argiloso

* DATUM SIRGAS 2000 – Dados de campo, mai. 2015.

Considerações finais

Pelo exposto, a percepção do cronista da primeira expedição que se aventurou a descer o grande rio Solimões-Amazonas consistiu em registrar gigantescas aglomerações humanas ao longo de seu trajeto, as quais utilizavam os ecossistemas de várzeas e de terras firmes para atividades agrícolas de elevada envergadura. As áreas de interflúvio também foram efetivamente habitadas por populações humanas sedentárias.

Nas áreas das zonas leste e sul de Manaus, os frequentes sítios arqueológicos confirmam as primeiras observações do frei Gaspar de Carvajal. Os sítios identificados bem

distantes dos rios têm a mesma intensidade de vestígios daqueles identificados às margens dos rios Negro e Solimões-Amazonas.

Os sítios da zona leste e centro sul de Manaus são monumentos ou digitais de uma sociedade humana, que podem contribuir para compreender como as elas interagiam ao ambiente havia sem, contudo, provocarem impactos que comprometessem os ecossistemas. Assim, os usufruíam os recursos disponíveis no meio ambiente de forma sustentável. E, a consequência talvez fosse o direito de uso, das futuras gerações, são esses sinais que são perceptíveis na paisagem da cultural material existentes em superfícies ou enterrados em assentamentos pré-colombianos nesses bairros em que foram exumados vestígios arqueológicos.

Referências

- CARVAJAL, Gaspar. Descobrimento do rio de Orellana. Tradução de C. de Mello - Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.
- DANIEL, João. Tesouro Descoberto no Máximo Rio das Amazonas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- FRITZ, Samuel. Diário del Padre Fritz. Edición de Hernán Rodríguez Castelo, Quito, 1997.
- FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/pessoas-Manaus-brasileira-populosa-Pais_0_1201679830.html>. Acesso em maio 2015.
- MONTEIRO, Mário Ipiranga. Fundação de Manaus. 3ª ed. Ampl. Rio de Janeiro: Conquista, 1971.
- NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 2006.
- SILVA, C. A. Relatório do Acompanhamento Arqueológico na área onde está sendo implantada a Eletrificação Rural de Rede Monofásica nas Comunidades Agrovila Amazonino Mendes, Julião e Livramento, 2008.
- _____. Memória de trabalho, na condição de ajudante de caminhão da empresa J.C. Santos, Engenharia S/A, anos de 1975/76.
- _____. Visita à área da Comunidade Livramento para averiguar artefatos arqueológicos que anualmente eram submersos pelas águas do Rio Negro, 2001.
- _____. Nota de campo de visita à área do sítio arqueológico e adjacentes (IPHAN, Museu Amazônico e Ministério Público Federal no Amazonas). Setembro, 2003.
- _____. Nota de Campo (Projeto LAMA), janeiro/abril de 2006.
- _____. Nota de Campo de exumação de uma urna funerária em dezembro de 2012.
- SILVA, Carlos Augusto da; CRUZ, Jane Clotilde. Nota de campo, 08 de janeiro de 2000.
- SILVA, Carlos Augusto da; NEVES, Eduardo Góes. Nota de campo realizada na área adjacente ao sítio arqueológico Nova Cidade, em julho de 2004.